

RUA JOSÉ PAULINO

Desde 1854 era conhecida por Rua das Flores

01-07-1889 por proposta dos vereadores José de França Camargo, dr. Ricardo Gumgletton Daunt, Oto Langaard e Almeida Sales, a Câmara de Campinas denomina de José Paulino a antiga rua das Flores.

Início na rua Henrique de Barcelos

Término na Avenida Barão de Itapura

Centro

Obs.: Diz Benedito Otávio que por volta de 1854 essa região se compunha de amplo campo baldio em grande parte alagadiço, sendo que em parte (zona do Mercado Municipal) se estendia um jurumbeval, e mais para cima se alastravam rosinhas silvestres brancas, de onde originou-se a denominação de rua das Flores.

JOSÉ PAULINO NOGUEIRA

Nasceu em Campinas em 13-02-1853 e faleceu em S.Paulo em 10-11-1915, filho de Luiz Nogueira Ferraz e Gertrudes Eufrosina de Almeida Nogueira. Aos 12 anos, mal terminava seus primeiros estudos, foi trabalhar como caixeiro na firma Santos & Irmão, onde continuando seus estudos e revelando sua capacidade comercial, seis anos mais tarde, tornou-se sócio da empresa, ocupando sua direção, mudando seu nome para Santos, Irmão & Nogueira. Ainda quando estudava na Escola de Quirino do Amaral participou do grupo teatral de amadores "Boêmia Dramática Campineira", formando também um grupo coral, dirigido por Santana Gomes. A firma em que trabalhava reunia os maiores políticos da cidade, onde José Paulino passou a participar de grandes campanhas como a propaganda da República e abolicionismo. Tal a confiança adquirida que na última eleição municipal da Monarquia, conquistou uma cadeira no Legislativo da cidade. Em março de 1889 tem início uma das páginas mais tristes de Campinas, atingida pela terrível epidemia que ceifou milhares de vidas. A atuação de José Paulino foi notável, organizando postos para o combate e socorro, e mesmo de cama, atingido pelo flagelo, continuou a determinar providencias, a dar ordens e distribuir tarefas. Proclamada a República, tornou a ser eleito vereador. Forçado pelos complexos negocios que absorviam grande soma de sua férrea atividade, mudou-se para S.Paulo, desenvolvendo, então, muito mais seus negocios. De 1910 a 1915 presidiu a Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, adquiriu a Cia. Agrícola Cravinhos, fundou e presidiu a Companhia Paulista de Seguros, fundou o Banco Comercial de S.Paulo, presidiu o Liceu de Artes e Ofícios, fundou o Institu-

to Profissional "Bento Quirino", em Campinas e a Escola Comercial de Campinas, foi membro da alta administração da Santa de Misericórdia de São Paulo, dirigiu por largo tempo a Sociedade Paulista de Agricultura. Em Campinas a sua colaboração era constante a todos os grandes empreendimentos, a exemplo da Santa Casa, do Liceu e da comissão pró monumento ao padre Diogo Antonio Feijó. Foi casado com Francisca Coutinho Nogueira.



JOSE' PAULINO NOGUEIRA, POLITICO

Em Julho de 890, durante um banquete oferecido a Glicério, que fora escolhido para ministro de Floriano, José Paulino Nogueira foi designado chefe do seu Partido. E no dia seguinte a Câmara inaugurava no seu salão o retrato de José Paulino — "o presidente da Câmara que não abandonara o posto nos dias tenebrosos de 89".

Entre os oradores figurou o dr. Eduardo Guimarães, médico de José Paulino no ano anterior, quando esse político fora atacado pela peste. Eduardo Guimarães declarou que, no leito, José Paulino lhe dissera:

— "Doutor, eu não posso morrer — porque Campinas ainda sofre muito e precisa dos meus serviços..."

Na chapa de prata do retrato figura esta inscrição:

"A José Paulino Nogueira, Benemérito Presidente da Municipalidade de Campinas, por sua heroica dedicação á causa publica durante a epidemia, o povo agradece".

Chefe do Partido Republicano, José Paulino procurou aliciar os elementos que antes pertenciam ás fileiras da Monarquia. Os republicanos "da velha guarda" não viam com bons olhos os seus esforços pacificadores, e teve êle que vencer, com muito tacto, grandes obstáculos e dificuldades. Vem a demissão do Ministério de Deodoro e entra para o governo o Barão de Lucena, antigo servidor do Trôno. E, nessa qualidade, o velho político inicia o seu ataque contra os "generais" — os "generais" da chefia do Partido: Campos Sales, Glicério, Prudente de Moraes. E para estabelecer a cisão nas hostes paulistas, o Barão nomeia Americo Brasiense para suceder, no cargo de Governador, a Jorge Tibiriçá.

Abre-se a luta dos políticos paulistas contra o maquiavelismo de Lucena, que se sentia amparado por Deodoro. Prudente de Moraes, Campos Sales, Glicério, Bernardino de Campos, Almeida Nogueira, Moraes Barros, Rodrigues Alves, Adolfo Gordo, Paulino Carlos, Costa Junior, Alfredo Ellis, Cesário Mota, Souza Mursa, J.T. Carvalhal, Carlos Garcia e Domingos de Moraes se opõem ao governo central e lançam manifesto ao povo da Capital, a cisão se espraiou para o interior.

Em Campinas, José Paulino, fiel aos antigos companheiros, mantém a situação que se vai agravando. Mas os adesistas de Americo Brasiense vão tomando posições, dominam a Intendência Municipal e a Polícia. E quando José Paulino abandona a chefia do Partido, que volta ás mãos de Glicério. Antes de fazê-lo, dá ao povo, pelo "Correio de Campinas", uma explicação. Por esse depoimento, tem-se a justa medida do homem publico que era José Paulino Nogueira.

Assim se alinham os seus termos:

"Desde o dia 14 do corrente considero-me desligado do Directorio do Partido Republicano desta cidade por haver-me convencido de que muitos, dentre os meus correligionários, discordavam inteiramente da atitude que entendi dever guardar diante dos acontecimentos que aqui se preparavam em razão do movimento operado em diversos pontos deste Estado.

Não nos tendo sido possível conseguir a adesão do nosso deslucamento policial e estando informado de que os partidários do presidente ora deposto haviam reunido grande numero de homens assalariados para o auxiliarem na resistencia, convenci-me de que a deposição da Intendencia não se realizaria, como aconteceu nas outras localidades, sem efusão de sangue.

Eu jamais me perdoaria o ter concorrido com o meu Conselho para o rompimento de uma luta que devia por em risco centenas de vidas, maxime quando tinhamos toda a certeza de que o dr. Americo Brasiense se retiraria ou seria deposto dentro de poucos dias, embora não se manifestasse o pronunciamento de Campinas.

Quem, conhecendo a politica desta cidade, tão cheia de profundas odiosidades pessoais, acumuladas de longa data, e observando a extraordinária superecitação de animo de um e de outro grupo, se animasse a concorrer para um gravissimo conflito, cometeria, a meu ver, crime de lesa-patriotismo.

Fizessem-no outro, que eu prefiro os dissabores e as contrariedades que me tem deparado esta emergencia, a ver derramar-se inutilmente, como para efeito de mera encenação, o sangue do mais humilde dos meus conterraneos. Quaisquer que possam ser os juizos originados da paixão e exaltamento de muitos, diz-me a consciencia que eu soube cumprir o meu dever de cidadão — e é quanto basta".

José Paulino Nogueira, que enfrentara o terror da epidemia pouco tempos antes, mostrava-se, nesse passo, coerente consigo mesmo: sem poder harmonisar os animos políticos, preferiu abandonar a luta para não ver o luto entrar de novo, por questões partidárias, nos lares campineiros!

A REPUBLICA ENTRA EM CRISE

Nos últimos meses de 1891 a República passava uma fase de crise aguda. Deodoro da Fonseca transferira o governo a Floriano, levando em sua queda o Barão de Lucena, que se mostrava implacavel adversário dos grandes lideres de São Paulo — "os generais" da República. Em São Paulo, contudo permanecera Americo Brasiense, contra quem todas as forças se rebelavam. Des-

Cam



files e comícios se realizam como protesto á permanencia do delegado do governo central. Campos Sales e Francisco Glicério, que haviam sido, respectivamente, ministros da Justiça e da Agricultura, vinham á praça pública para encabeçar o movimento. Impunham, insubmissos, a saída de Américo Brasiliense. Houve tiroteios, depredações e empastelamento de um jornal — o "Correio Paulistano", órgão do Partido Republicano.

Final, venceram os "generais". Capitulou Brasiliense, passando o governo ao comandante das forças federais, que o transferiu logo ao substituto legal — o dr. José Alves de Cerqueira Cezar. E a paz voltou a reinar nos redutos paulistas. Nos municípios, a situação se modificou do dia para a noite, sem violências. Em Campinas, a Intendência passou a um Conselho presidido por Tomaz Alves, dele participando, também, João Manoel de Almeida Barbosa, Orocimbo Maia, Francisco de Andrade Coutinho, Oscar Leite de Barros, Carlos Kayser, Augusto Cezar do Nascimento, André Reinhardt, Francisco Glicério, rearticulando as hostes do seu P.R.P., passou a contar com o decidido apoio de José Paulino Nogueira e Bento Quirino.

Realizadas as eleições em 1892, foi José Paulino eleito e conduzido á presidência da Câmara, que nele viam o homem talhado para conduzir a edilidade em tão difícil e aspera conjuntura.

Nesse período, José Paulino,

sempre á testa dos seus empreendimentos comerciais, tem tempo para vencer crises políticas e, ainda, para assinalar a sua passagem pela Câmara com duas proposições de envergadura:

1.º — concessão de favores ás sociedades cooperativas de consumo;

2.º — Garantia de juros (6% ao ano) para um empréstimo de quatrocentos contos, afim de que a Cia. Carril Agricola Funilense reencetasse a construção de suas linhas, que reergueriam a economia da zona então chamada do "Funil".

O HOMEM DE INICIATIVA

José Paulino Nogueira era homem de atividade polimorfa. Nunca desenvolvia uma só iniciativa. Empreendia varias, ao mesmo tempo. De 1910 á 1915, presidiu a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

Associado a José E. de Queiroz Aranha e José de Queiroz Lacerda, comprou a Cia. Agricola de Cravinhos, considerada, na época, a maior e melhor organização cafeeira do Estado. Fundou e presidiu a Companhia Paulista de Seguros. Fundou, com Erasmo Assunção e José Maria Witaker, o Banco Comercial do Estado de São Paulo. Presidiu o Liceu de Artes e Officios, de São Paulo. Fundou o Instituto Profissional Bento Quirino e a Escola Commercial de Campinas. Foi também membro da alta administração da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Dirigiu por largo tempo a Sociedade Paulista de Agricultura.

O CHEFE DE FAMILIA

"Na Família Nogueira", diz Pelágio Lôbo, "família enorme pelos vários ramos e gerações e pelas relações de afinidade, José Paulino assumiu, desde a infância, que passou a projetar-se no comércio, as funções e as responsabilidades de chefe. Era o amparo, o estímulo, o conselho e a grande força protetora que irmãos, sobrinhos e parentes procuravam nas horas de aperto — e sabiam que esse amparo não falhava. Quando mal entrara na casa dos quarentões, além da família numerosa, já estendia sua ação benéfica aos irmãos e assumia um papel de patriarca com a autoridade do posto reforçada pela autoridade maior de suas virtudes domésticas. No seio da família, principalmente depois que perdeu a esposa, que fora uma companheira valorosa e desvelada para todas as suas lutas e fadigas, compartilhando com o marido todos os encargos e inquietações, concentrou José Paulino sua vida em torno dos filhos, e deu á filha mais velha, d. Ester, a prerrogativa de mãe adotiva dos menores. Manteve em sua casa, até o fim da vida, os hábitos de recato e compostura que aprendera na casa paterna".

Cam

RUAS DA CIDADE:**JOSE' PAULINO — rua**
(José Paulino Nogueira)

Começa na rua Proença e termina na Avenida Barão de Itapura, ligando a PONTE PRETA ao CENTRO e à VILA ITAPURA.

A denominação foi dada em 1.º de julho de 1889, por proposta dos vereadores José de França Camargo, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, Oto Langgard e Almeida Sales (dados compilados pelo Sr. E'dmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "RUAS DA ÉPOCA IMPERIAL"). Chamou-se, antes, rua das Flores. Tem 9 metros de largura. O prolongamento foi autorizado pelo edital de 12 de setembro de 1927 (Barão Geraldo de Rezende até Barão de Itapura).

DADOS BIOGRÁFICOS:

O Coronel José Paulino Nogueira nasceu em Campinas, em 13 de fevereiro de 1853, e faleceu na cidade de S. Paulo, à rua Conselheiro Crispiniano n.º 9, em 10 de novembro de 1915. Era filho de Luís Nogueira Ferraz e de dona Gertrudes Eufrosina de Almeida Nogueira.

Tendo nascido na ocasião em que sua família empobrecia, isto é, quando a incipiente economia da Província passava do ciclo do açúcar para o do café, isto quando ele já contava 12 anos de idade. Mal havia concluído o curso primário, foi ele trabalhar na futura firma Santos & Irmão, como garoto de recados. Ao mesmo tempo continuava seus estudos. Seis anos após, revelada a sua capacidade comercial, ocupava a direção da firma.

Mas, José Paulino não se limitara à atividade comercial. Não. A este tempo, ele já se infiltrara no terreno político e também aqui era respeitado.

Assim, a joia dos Irmãos Quirino dos Santos, transformou-se em reduto de civismo, pois dali, na palavra do auxiliar mais jovem, era dada a orientação política, exata, das gentes de Campinas de então e apoiando a campanha abolicionista, a propaganda da República e muitos outros movimentos civicos, recebeu de Campos Sales o cognome de "Sociedade Anônima de Interesse Geral".

E José Paulino ia cada vez mais ganhando a confiança de seus pares, e na última eleição municipal da Monarquia ele obteve uma cadeira no Legislativo da cidade, ao lado de Júlio de Mesquita, e Salvador Penteadó, cabendo a este a honra de presidir-lo.

Em 1889 Campinas foi terrivelmente atingida pela epidemia de febre amarela, a qual em poucos dias ceifou milhares de vidas. Não foi preciso dizer a José Paulino qual o seu dever. São do jornal, o "Estado de S. Paulo" as seguintes palavras: "...sacrificou tudo à defesa de sua terra tão cruelemente vitimada. Não arredou o pé do seu posto. Foi incansável; foi o organizador de todos os aparelhos de combate e de socorro, em dias de tamanha tristeza e de tão dura provação, e só interrompeu sua obra humanitária quando caiu na cama, atingido pelo flagelo. Do leito mesmo, continuou a dar ordens e a distribuir tarefas, com uma dedicação sem par. Ficaram conhecidas as seguintes palavras que disse a seu médico: "Doutor, eu não posso morrer, porque Campinas ainda sofre muito e precisa dos meus serviços".

E de fato não morreu e prestou ainda relevantes serviços à sua terra nata!

Em 1890, após a proclamação da República, a cidade homenageou-o, bem como a outros, colocando uma placa na parede da Casa Santos & Irmão, placa essa que ainda hoje se pode ver no prédio da Escola de Comércio Bento Quirino e onde se lê a seguinte inscrição:

"Gratidão eterna do Povo Campineiro à Casa Santos & Irmão & Nogueira, pelos relevantes e invidáveis serviços que ele prestados durante a epidemia de 1889".

Em Junho de 1890, com a presença de Francisco Glicerio, então Ministro da Agricultura, foi inaugurado um retrato a óleo, de José Paulino, em tamanha natural, na Sala da Câmara, e cuja base, em chapa de prata, lê-se este distico:

"A José Paulino Nogueira, benemérito Presidente da Municipalidade de Campinas, por sua heróica dedicação à causa pública durante a epidemia. O Povo agradece 1889".

Foi o fundador da Usina Açucareira Ester S/A., na zona de Funi (hoje Sorocabana); Diretor da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Um dos fundadores da Companhia Agrícola de Cravinhos, que foi uma das maiores fazendas de café do Estado. Mais tarde, ao lado de José Maria Wtaker e Erasmo Assunção, lançou as bases de um banco, hoje o Banco Comercial do Estado de S. Paulo. Foi também o iniciador dos seguros nacionais, isto com a fundação da Companhia Paulista de Seguros, a primeira empresa nacional.

A Santa Casa, o Liceu e a comissão pró monumento ao Dr. Diogo Antônio Feijó, ele prestou efetiva cooperação.



DADOS BIOGRAFICOS

Nasceu José Paulino Nogueira no dia 13 de fevereiro de 1853. O seu falecimento deu-se em novembro do ano de 1915, pertencendo aos 63 anos de idade. Era filho de Luiz Nogueira Ferraz, ultimo filho do sargento-mór Teodoro

Ferraz Leite, natural de Itú, e de d. Gertrudes Eufrosina de Almeida Nogueira. José Paulino Nogueira foi o quinto filho de uma prole de doze descendentes do casal Luiz Nogueira Ferraz e Gertrudes Eufrosina de Almeida Nogueira. Era o pai de José Paulino, lavrador de café em nosso Município. Os seus estudos primários foram feitos numa escola local, de que foi mestre Quirino do Amaral. Aos 12 anos, foi encaminhado às lides do comércio. Fez parte de um grupo de amadores teatrais da "Boemia Dramática Campineira", orientada por Augusto Cesar. Logo depois formou um grupo coral, dirigido pelo maestro Santana Gomes. Foi isto em 1871. José Paulino Nogueira iniciou-se no comércio como modesto caixeiro, exatamente igual a Bento Quirino, que se ufanava de ter começado, como ele, "pela vassoura". Fez parte, depois, da firma de Bento Quirino, que girava sob a razão social de Santos, Irmão & Nogueira. Foi José Paulino Nogueira casado com d. Francisca Coutinho Nogueira,

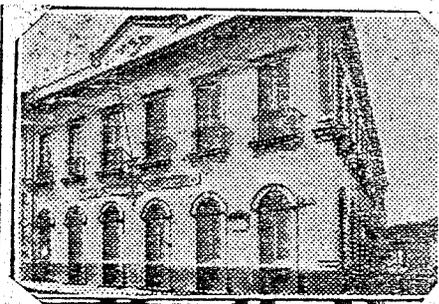
REDUTO DE DEBATE DE PROBLEMAS PUBLICOS E CENTRO CIVICO

A casa comercial Santos, Irmão & Nogueira não era apenas um reduto de negócios. Fazia-se, igualmente, um centro cívico onde os problemas públicos eram agitados com intrepidez e galhardia pelos seus frequentadores. Interesses da cidade, da Província ou do País, tinham ali os seus defensores estruturados na fé e no ideal. Campos Sales, por isso mesmo, dava a firma, pitorescamente, a designação de "sociedade anônima de interesse geral". As maiores figuras da propaganda abolicionista e republicana por lá passaram: Francisco Quirino dos Santos, Campos Sales, Francisco Glicério, Jorge Miranda, Americo Brasiliense, Salvador Pentecado. José Paulino, aos poucos, foi definindo sua posição no grupo, até tornar-se o seu chefe. "Chefe de grupo e orientador de correlegionários", afirma Pelágio Lôbo, que lhe traça este magnífico perfil:

"Era firme nas decisões, mas cordato nos arranjos; intransigente quanto a princípios, mas ductil e maneiroso nos processos de proselitismo; tinha argúcia nos negócios e enxergava o lado propício dos acórdos. E, para coroar esse prestígio, uma grande delicadeza e afabilidade no trato com todo o mundo, reservando, porém, completa intimidade para os amigos do peito, aqueles que com ele se confundiam nos mesmos trabalhos e eram orientados pela mesma linha de liberdade nos atos da vida."



Estabeleceu-se aqui, onde hoje está a Escola de Comercio "Bento Quirino", a sede da firma comercial Santos, Irmão & Nogueira. Foi este solar, a esse tempo, quartel-general dos precusores da República. Também se debateram sob este teto, grandes problemas locais, agitados pelo grupo de José Paulino Nogueira.



PERFIL DE JOSÉ PAULINO NOGUEIRA

Pelágio Lobo, cronista fino, em cujo espirito a historia de Campinas e de suas figuras, principalmente as daqueles ancestrais que se projetaram nos varios setores das artes, da cultura, da politica e da administração nacional, tinha sempre uma tonalidade singular, traçou de José Paulino Nogueira este perfil:

"Fisicamente tinha José Paulino o tipo dos Nogueira do seu ramo; eram morenos, fortes, estatura média, cabelos e bigodes bastos e, ao atingirem a casa dos cinquenta, ganhavam uma gordura que lhes fazia papada em baixo do queixo. O mais velho da irmandade, João Nogueira, que casou com distinta senhora dos Almeida Sales — casal da minha especial veneração — era homem alto e de natural imponência, belo tipo de senador do Imperio. Afirmava ele ser muito parecido com o pai: concluo, dessa informação autorizada, que o velho Luiz Ferraz era homem esbelto e bonito, com os ares insinuantes e acolhedores desse seu filho mais velho".

INTEGROU A ULTIMA CAMARA DA MONARQUIA

Julio de Mesquita e Salvador Pentecado eram então os pares de José Paulino Nogueira

Sem dúvida nenhuma, constitui hoje, para nós, uma nota curiosa e veneravel ao mesmo tempo, referir-se a alguma coisa da politica e dos seus homens, no último quarto do século passado. Assim é que, ao ensejo desta comemoração do centenário de José Paulino Nogueira, podemos alinhar os nomes dos representantes do Partido Republicano, na Câmara Municipal de Campinas, na época. Os periodos de mandato tinham então a duração de três anos.

Eis como se constituia, naquelas Camaras, a representação do P.R.P.:

De 1873 a 1876: — Bento Quirino e Campos Sales.
De 1877 a 1880: — Jorge Miranda, Campos Sales e Antonio Pompêo.

De 1881 a 1884: — Francisco Glicério, Salvador Pentecado e Elias A. do Amaral Souza.

De 1883 a 1886: — Amador Florence, José Miranda, José Maria Lamanères e Manuel F. Mendes.

De 1887 a 1889: (a ultima Câmara da Monarquia) — Salvador Pentecado, Julio de Mesquita e José Paulino Nogueira.

Com

A GRANDE EPIDEMIA
Em março de 1899 irrom-

peu em Campinas a epidemia de febre amarela. Sur-

to violentíssimo, em 15 dias, dizimou quase mil vidas, pondo na cama outro milheiro.

Diz um cronista, ao evocar esse período triste da vida de Campinas:

— “Desorganizavam-se todos os serviços, e a vida do município ficou em suspenso. Os que podiam fugir, abandonavam casa e negócios, espavoridos”.

E mais adiante:

— “Todos os vereadores procuraram abrigo seguro em fazendas e cidades vizinhas. Todos, menos dois: Oto Langard, que ali permaneceu à cabeceira de doente de sua família, perdeu duas filhas numa só semana, o que o deixou apatetado e incapaz de reação, e José Paulino Nogueira”.

Conta mais o historiador de Campinas:

“Foi então, em meio da calamidade pública que atingira Campinas em cheio e também estava atingindo Santos — que se revelou a extraordinária capacidade de improvisação do vereador campineiro. Assumiu ele a direção da cidade, e não só na Câmara como na casa de comércio, procurou dar organização para enfrentar o flagelo. Esse trabalho só poderia ser feito com risco permanente da vida — mas os sócios de Santos, Irmão & Nogueira — e o pessoal graduado da loja — mobilizaram todos os elementos de defesa possíveis naquela situação. O governo mandara para lá uma comissão de médicos, a fim de colaborar com colegas de outras comissões. Surgiu um dissídio muito acre entre os esculapios e José Paulino teve que empregar nesse apaziguamento esforços pertinazes que poderiam ser melhor aproveitados no socorro à população dizimada. Entenderam logo que o mal só podia ser debelado, de forma definitiva, pela instalação ampla da canalização d'água, já anteriormente iniciada, e de uma rede de exgotos, com o entupimento pronto de fossas e poços. A medida encontrou resistência de uma parte do elemento comercial retrogrado e as lamurias e ameaças foram trazidas ao Governo da Província. Mas, em São Paulo, Campos Sales e Glicério trabalhavam junto ao governo para dar apoio decidido ao companheiro e obter o fornecimento de auxílios médicos e farmacêuticos e principalmente amparo a um empréstimo destinado à realização daquelas obras públicas.

José Paulino Nogueira, chefiando o movimento, — e houve uma semana em que ficou sozinho por terem adoecido seus 4 valentes companheiros — enfrentou a resistência dos cascados e declarou que, se necessário, iria à violência”.

PAULINO ESCRIVE A GLICERIO

A situação de Campinas, tomada pela epidemia, absorveu a vida e a atenção de José Paulino Nogueira. Não tinha mãos a medir, na azafama sem treguas. Planos, projetos, todo um mundo de iniciativas que pudessem debelar a febre, passavam-lhe pela cabeça. Francisco Glicério encontrava-se na capital da Província. E de lá acompanhava não apenas a angústia em que vivia Campinas, mas também os pas-

sos do seu amigo Paulino Nogueira, e com ele se solidarizava em tudo. Assim é que o chefe da firma “Santos, Irmão & Nogueira”, se comunicava por carta com o seu amigo Glicério. Eis os termos dessa correspondência:

“Abril, 2 — Glicério.

Estou contente de você concordar com as violências que, se for preciso, lançarei mão para melhorar o estado sanitário dessa cidade. Tenho mandado entulhar muitas latrinas e poços que estão em mau estado, e assim todos os dias procede-se a rigorosas vistorias, desinfecções, etc.

Só um bom serviço de água e esgotos é que poderá restabelecer a salubridade em Campinas, portanto todo o nosso esforço deve ser para que a Cia. realize o empréstimo sem demora; em ela tendo cobres, este ano mesmo ficará todo serviço pronto, se puder pôr mãos às obras já. Sabes que com dinheiro tudo se faz.

A epidemia recrudescer bastante de 5 dias a esta parte; pelo obituario podes calcular o que vai por aqui, é um horror! Não há espirito, por mais forte que seja, que tenha a necessária calma no meio de tanta desgraça. Pobre Campinas! parece-me que nunca mais poderá levantar-se pujante como já foi!

Você, Moraes, Campos Sales e outros filhos desta terra, que aí estão com o espirito fresco e calmo, pensem e ponham em prática tudo o que for para facilitar o empréstimo da Comp. Aguas e Esgotos, que é a única salvação desta cidade.

Adêus, até por cá se vivermos. José Paulino”.

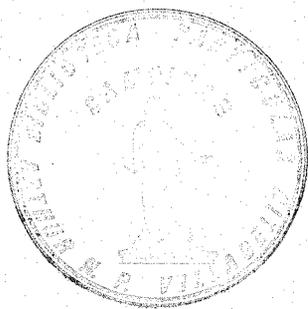
A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA E PAULINO NOGUEIRA

Contam velhos registros, gradados depois da epidemia de febre amarela:

“O jubilo popular que, em Novembro de 89 explodiu em manifestações estrondosas, fez esquecer os dias angustiosos da epidemia da febre amarela em Campinas”. “A proclamação da República parece ter tido o condão de aliviar o luto das famílias atingidas; a propria “gens” monarquista pareceu olvidar aquelas negras preocupações com a esperança de melhores dias na nova forma de governo que nascia e na qual os chefes paulistas estavam tendo uma tão decisiva colaboração”.

PERMANECER A FRENTE DO GOVERNO MUNICIPAL

Feita a proclamação da República, José Paulino Nogueira permaneceu à frente do governo municipal. Cedeu o posto ao Lo intendente Antonio Lobo, também pertencente ao seu partido, ao grupo de Glicério, por determinação do governador Prudente de Moraes. Em tais condições, continuam no mesmo ritmo as obras indispensáveis ao saneamento da cidade.



GRATIDÃO A FIRMA SANTOS, IRMÃO & NOGUEIRA
Em 1890, pelas colunas do “Correio de Campinas”, o dr. Vieira Bueno, mordono da Santa Casa, lançou da idéia da homenagem da firma Santos, Irmão & Nogueira, que fora o quartel general dos cidadãos que combateram a epidemia.

Por subscrição popular, para a qual os contribuintes não podiam concorrer com impertancia superior a cem reis, angariou-se fundos para a feitura de uma placa de marmore a ser afixada na parede do prédio em que estava instalada aquela casa commercial. Em menos de 30 dias foi subscrito o total necessário a homenagem e a placa lá está, onde hoje ainda a podemos ver, no velho prédio da Rua Sacramento, esquina com Benjamin Constant.

Handwritten signature or initials.

SANTOS, IRMÃO & NOGUEIRA



Sim, caríssimo leitor. Concordo que é bastante pro-saico o título deste artigo. Mas essa razão social de uma firma de exploração mercantil é, na história de Campinas, mais que uns apelidos que exprimam as atividades de alguns homens dedicados à tarefa de ganhar dinheiro. Diria eu a você que Santos, Irmão & Nogueira não constituem, para nossa índole baírrista, a designação social de uma desgastada empresa de negócios; é, ao contrário, uma legenda de civismo, uma inscrição de humanidade a exaltar um período ao mesmo tempo belo e azia-go da crônica de nossa lande.

A loja de Bento Quirino foi, ao fim do século passado, um reduto de homens de negócios que não se corromperam pelos sonsidos da moeda nem pelo vulto das operações de crédito. E' que havia neles, mais viva que a ambição vulgar, a consciência do bem comum, o amor aos fastos campineiros, o zelo pela causa pública. Os titulares da firma figuraram, coincidentemente, nos mais diversos empreendimentos políticos que agitaram a acanhada e tímida Campinas daqueles dias, de tal forma que os seus nomes, varando as lindes municipais, derramaram-se por São Paulo afora. E conquistaram, depois, a consagração das gentes.

Na loja de Santos, Irmão & Nogueira não se manusearam apenas cadernetas de fornecimentos nem se encheram, com febre de lucro, os impressos dos faturamentos. Se havia naquela casa o bulício peculiar dos centros de mercância, pode-se dizer que também nela se erigiam, partindo dos seus chefes, os sentimentos mais elevados de patriotismo e bondade. A loja teve uma alma — uma alma que não embruteceu ao contato das coisas utilitaristas, nem se corrompeu à força dos imperativos da pecúnia. O cérebro, que calcula, ali andou sempre em harmonia com o espírito que sente, e sofre, e sonha, e luta, e idealiza. Por isso os seus balcões se transfiguraram dentro da história da cidade: sabe-se que foram, gloriósamente, tabulões onde se redigiram manifestos que pregaram a libertação da gente negra; que serviram de mesa para os que, com letra firme, lançaram à consciência do povo páginas e páginas de propaganda republicana. E foram ainda, os balcões de Santos, Irmão & Nogueira, lugares em que se alinharam, em pilhas, os medicamentos, destinados a uma população aflita, dominada pelo terror de febre amarela.

Na velha Campinas de antes de 88, as paredes da velha casa ouviram murmurações confidentes de abolicionistas e revolucionários. Chico Quirino, Glicério, Campos Sales, Salvador Penteado, José Paulino e mais uma dezena de inconformados com as decisões do Trono, traçaram, com mão firme, o seu programa de reivindicações. E quando a Abolição chegou, e quando a República chegou, aqueles cidadãos de têmpera viril puderam proclamar que haviam contribuído, em nome de Campinas, com as melhores pedras com que se levantava, naquele instante, o novo e grande edifício social e político da nacionalidade!

O surto amarílico penetrara, violento, em todas as casas. Mais de mil mortos numa quinzena. Nos leitos, comidos pela febre, milhares de vítimas. Isso numa cidade de, talvez, menos de quarenta mil habitantes, e com pouco mais de 1.500 fogos. Sob os tetos só permaneciam os enfermos guardados por algum membro da família; os outros, espavoridos, batiam em retirada para as fazendas, refugiavam-se nas cidades circunvizinhas. Oto L'nggard vê, numa semana, duas filhas caírem prostradas pela febre, mas ainda assim, com o cortejo da morte dentro de casa, luta em prol de uma população submetida ao desespero, ao luto e à dor.

Agitando-se dentro desse ambiente de tragédia, subsiste a fibra de José Paulino. Homem de visão larga, procura vencer a resistência dos que contrariam o seu plano de saneamento da cidade. Há protestos, o descontentamento lava no meio dos retrógrados. Mas a sua persistência vai desbastando o caminho. A Glicério, que se encontrava em São Paulo, despacha uma carta como-

Cam



— “Estou contente de você concordar com as violências que, se for preciso, lançarei mão para melhorar o estado sanitário da cidade”.

Discrimina, numa linguagem viva, as providências que tomara, encarece a necessidade da imediata instalação de uma rede de águas e esgotos. E conclui, pessimista e patético:

“A epidemia recrudescceu bastante de 5 dias a esta parte; pelo obituário, podes calcular o que vai por aqui; é um horror! Não há espírito, por mais forte que seja, que tenha a necessária calma no meio de tanta desgraça. Pobre Campinas! parece-me que nunca mais poderá levantar-se pujante como já foi!”

O fêcho da carta ainda fere a sensibilidade de quem o lê sessenta anos depois:

— “Adeus, até por cá, se vivermos...”

E’ fascinante a vida pública de José Paulino Nogueira. Homem de negócios, propagandista político, camarista municipal, cidadão do povo em luta contra uma terrível epidemia, tudo nele é revelação de inteligência, de probidade, de fé, de entusiasmo, de bondade e sempre, invariavelmente, de um nobre espírito público que permanece indormido face aos problemas da sua cidade, da sua província, do seu país.

Santos, Irmão & Nogueira, a firma de José Paulino, é entidade que não desapareceu no vórtice dos acontecimentos de nossa terra. Foi reduto de idealistas. Foi legenda clara e preclara na crônica de Campinas.

Foi? Não. E’. Enquanto houver, nesta cidade, quem se debruce sobre a história do nosso passado de setenta anos, ainda há de ver, entre os cinerais do tempo, uns nobres perfis de homens austeros que se agitam dentro de uma loja. E’ a loja de Bento Quirino. E’ a loja de José Paulino. Mas o dinheiro ali não valia muito: valia muito menos que o bem público, que eles souberam defender com invulgar, dignificante e luminosa galhardia.

LUSO VENTURA

Cam



TUVV 1 293-10

Rua que nasceu das Flores, a futura "José Paulino"

As ruas, tanto quanto as cidades de que são artérias, também guardam as suas histórias e lendas, que enroupadas e recontadas pelo povo, passam a constituir legítimo material folclórico. E isso se nos depara mormente nas mais antigas vias públicas, cujas lendas, não raro pitorescas, evocam acontecimentos que se esfumaram no tempo, e bem assim usanças, gostos e crenças da gente de dantes.

Para dizer de Campinas, acreditamos que na imensa trama e enredado de suas ruas dificilmente se topam duas vias públicas que rememorem tradições mais acentuadamente românticas que a Rua José Paulino. Este nome, convém anotar, relativamente novo, traduz justa homenagem a um Paulino Nogueira, que presidente da Câmara em 1889, quando da eclosão da primeira epidemia de febre amarela, da cidade ele não arredou pé, e tanto lidou e se afadigou em bem do povo, que merecia ser apontado como herói. No entanto, se em meio aos episódios desenrolados na citada via pública seja intenção nossa focalizar os que se tornaram marcantes pelo colorido ou novelesco, devemos alongar os olhos para trás, ao tempo em que, ao invés de José Paulino, a rua se denominava simplesmente "das Flores". O apelido, por si, já tem algo de poético, mas não diz tudo das histórias de que a rua foi palco.

COMO NASCEU A RUA DAS FLORES

De aparecimento na velha Campinas não tão remoto quanto as vias que nos primórdios da Vila de São Carlos se alcunharam, respectivamente, "De Cima", "Do Meio" e "De Baixo", a Rua das Flores tem assinalado como ano de seu nascimento, nas crônicas de dantes, o de 1829. Mas, por aquela época, não era bem uma rua e somente espaço de caminho, margeando o Brejo do Poente e a gleba do Jurumbeval, que se estendiam da Rua do Picador (Marechal Deodoro) até a Rua das Casinhas (General Osório), e não é demais supormos que por ali jamais se atrevesse a perambular o Juiz Almotacé José Mendes Ferraz Junior, nas suas habituais funções fiscalizadoras.

A abertura oficial da Rua das Flores ao trânsito, ao que nos informa Benedito Otávio, viria a dar-se após meados do século, isto é, entre 1854 e 1855. E por que Rua das Flores?

Amplio campo baldio e em grande parte alagadiço, a porção de terreno na qual se construiriam, com intervalo de dezanas de anos, a Escola "Correia de Melo", no alto, e o segundo grande Mercado Municipal, na baixada, as plantas, que por lá se alastravam eram em maioria jurumbeva e rosinhas silvestres brancas. Daí, o ajustar-se o apelido de Jurumbeval a todo o largo e se denominar Rua das Flores a via pública, que mais tarde homenagearia em sua legenda o mandatário da cidade, José Paulino Nogueira.

De quando a rua era caminho, ficou memória de trágica e misteriosa ocorrência, que muito alvoroçou e emocionou toda Campinas do tempo.

O DRAMA SANGRENTO DO ROSEIRAL

Na fria e acinzentada manhã de 26 de julho de 1844, nos fundos de um quintal que confinava com o caminho ou esboçada Rua das Flores, um corpo de mulher ainda jovem e bonita, era encontrado inânime em meio ao roseiral. Esfaqueada e alvejada a tiros com verdadeira sanha homicida, jazia a pobre vítima ali no chão úmido, onde o sangue coagulado borrara as folhas verdes e rosinhas brancas jogadas pelo vento.

Nenhuma dúvida restava quanto à identidade da morta. Era Nhá Fabiana Maria Cardoso, consorciada com o Mestre Maneco Músico e mãe de uns garotos conhecidos na vizinhança por Juca e Tonico Gomes. Aqueles fundos de quintal, renteando o caminho ou Rua das Flores, eram os da residência dos Gomes, na Rua da Matriz Nova, quase na esquina da Rua das Casinhas.

Crime bárbaro, o do roseiral, mas praticado à calada da noite de 25 para 26 de julho, e sem testemunha, embora alguns nomes de suspeitos chegassem a ser proferidos em cochicho, havia de permanecer para todo o sempre impune e envolto em mistério. Pequena e simples cruz de madeira, braços amarrados a cipó, se fincou naquele trecho da Rua das Flores, assinalando o local onde fora encontrado o corpo da desventurada Fabiana Maria Cardoso. A cruzinha tosca ali permaneceu tão só durante alguns anos, enquanto o evoluir da cidade não apagou de vez esse piedoso e antigo costume da gente do povo.

Quanto aos manos Juca e Tonico, que o malvado e acobertado braço criminoso lançou na orfandade, bem sabemos que também irmanados na arte musical, com derramada sensibilidade, conquistariam para Campinas as maiores glórias líricas, o Tonico ainda mais que o Juca, pelos sucessos alcançados na Itália.

A RUA DAS FLORES, VIA DOS MORTOS

Idealizado em 1879, o grande Cemitério de Campinas que por mais de quarenta anos seria chamado "do Fundão", teve abertas suas primeiras sepulturas ali por 1880. E a Rua das Flores, que no extremo oposto da cidade se estendera até quase ao Guanabara, ao se tornar a via mais longa da urbe, veio a ser igualmente a dos mortos, uma vez que todos os préstitos fúnebres, saídos não importava de que rua e bairro, para a caminhada até ao Fundão buscavam desde logo a Rua das Flores ou José Paulino.

E a gente do povo, então, com a sua imaginação fértil e ingênua, deu de criar lendas de assombração, relacionadas à mesma via pública. Uma dessas estórias que perdurou até surgir, devidamente oficializada, a Avenida da Saudade, que data de 1922, foi a do sombrio cortejo fúnebre, em carruagem, que à meia-noite de toda sexta-feira, desfilava desde o Guanabara até ao Fundão!... Nesses carros fantasmagóricos rodando em horas mortas pela Rua das Flores ou José Paulino, tudo era negro e silencioso! E aí do cristão que se atrevesse a espia-lo mesmo pelo buraco da fechadura! Contavam os mais velhos dentre a gente do povo, que um fulano houve curioso o bastante para querer ver com os próprios olhos o estranho préstito fúnebre da meia-noite e mal entreabriu a janela tombou sem fala!...

Hoje, porém, até deslemburada como Rua das Flores, a Rua José Paulino não é mais que via pública comum, entre os milhares de outras da cidade bi-centenária. (J. Mariano).

(Extraído da página 12 da edição especial comemorativa do centenário da cidade de Campinas, do jornal "Correio Popular" de 14 de julho de 1974)

anpv/08/1985

RUA JOSÉ PAULINO



RUA DAS FLORES -

Segundo o historiador Benedito Otávio, esta denominação originou-se das roseiras silvestres que existiam no primitivo trilho que deu origem à rua.

Nome atual: JOSÉ PAULINO.

(Extraído do artigo "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças Existentes em 1848", inserido às fls. 08 do 2º Caderno da edição especial do jornal "Correio Popular" de Campinas, de 14-julho-1974 - Edição comemorativa do Bi-Centenário de Campinas)

anpv/08-1983

RUAS DA CIDADE:

JOSE PAULINO — rua
(José Paulino Nogueira)

Começa na rua Proença e termina na Avenida Barão de Itapura, ligando a PONTE PRETA ao CENTRO e à VILA ITAPURA.

A denominação foi dada em 1.º de julho de 1889, por proposta dos vereadores José de França Camargo, Dr. Ricardo Gumbelton Daunt, Olo Langgard e Almeida Sales (dados compilados pelo Sr. Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "RUAS DA ÉPOCA IMPERIAL"). Chamou-se, antes, rua das Flores. Tem 9 metros de largura. O prolongamento foi autorizado pelo edital de 12 de setembro de 1927 (Barão Geraldo de Rezende até Barão de Itapura).

DADOS BIOGRÁFICOS:

O Coronel José Paulino Nogueira nasceu em Campinas, em 13 de fevereiro de 1853, e faleceu na cidade de S. Paulo, à rua Conselheiro Crispiniano n.º 9, em 10 de novembro de 1915. Era filho de Luís Nogueira Ferraz e de dona Gertrudes Eufrosina de Almeida Nogueira.

Tendo nascido na ocasião em que sua família empobrecia, isto é, quando a incipiente economia da Província passava do ciclo do açúcar para o do café, isto quando ele já contava 12 anos de idade. Mal havia concluído o curso primário, foi ele trabalhar na futura firma Santos & Irmão, como garoto de recados. Ao mesmo tempo continuava seus estudos. Seis anos após, revelada a sua capacidade comercial, ocupava a direção da firma.

Mas, José Paulino não se limitara a atividade comercial. Não. A este tempo, ele já se infiltrara no terreno político e também aqui era respeitado.

Assim, a loja dos Irmãos Quirino dos Santos, transformou-se em reduto de civismo, pois dali, na palavra do auxiliar mais jovem, era dada a orientação política, exata, das gentes de Campinas de então e apoiando a campanha abolicionista, a propaganda da República e muitos outros movimentos civicos, recebeu de Campos Sales o cognome de "Sociedade Anônima de Interêsse Geral".

E José Paulino ia cada vez mais ganhando a confiança de seus pares, e na última eleição municipal da Monarquia ele obteve uma cadeira no Legislativo da cidade, ao lado de Júlio de Mesquita, e Salvador Penteado, cabendo a este a honra de presidir-lo.

Em 1889 Campinas foi terrivelmente atingida pela epidemia de febre amarela, a qual em poucos dias ceifou milhares de vidas. Não foi preciso dizer a José Paulino qual o seu dever. São do jornal o "Estado de S. Paulo" as seguintes palavras: "...sacrificou tudo à defesa de sua terra tão cruelmente vitimada. Não arredou o pé do seu posto. Foi incansável; foi o organizador de todos os aparelhos de combate e de socorro, em dias de tamanha tristeza e de tão dura provação, e só interrompeu sua obra humanitária quando caiu na cama, atingido pelo flagelo. Do leito mesmo, continuou a dar ordens e a distribuir tarefas, com uma dedicação sem par. Ficaram conhecidas as seguintes palavras que disse a seu médico: "Doutor, eu não posso morrer, porque Campinas ainda sofre muito e precisa dos meus serviços".

E de fato não morreu e prestou ainda relevantes serviços à sua terra natal.

Em 1890, após a proclamação da República, a cidade homenageou-o, bem como a outros, colocando uma placa na parede da Casa Santos & Irmão, placa essa que ainda hoje se pode ver no prédio da Escola de Comércio Bento Quirino e onde se lê a seguinte inscrição:

"Gratidão eterna do Povo Campineiro à Casa Santos & Irmão & Nogueira, pelos relevantes e invidáveis serviços que prestados durante a epidemia de 1889".

Em Junho de 1890, com a presença de Francisco Glicerio, então Ministro da Agricultura, foi inaugurado um retrato a óleo, de José Paulino, em tamanha natural, na Sala da Câmara, e cuja base, em chapa de prata, lê-se este distico:

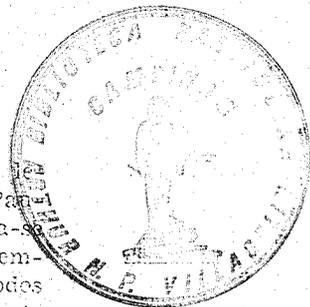
"A José Paulino Nogueira, benemérito Presidente da Municipalidade de Campinas, por sua heróica dedicação à causa pública durante a epidemia. O Povo agradece 1889".

Foi o fundador da Usina Açucareira Ester S/A, na zona de Funil (hoje Sorocabana); Diretor da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Um dos fundadores da Companhia Agrícola de Cravinhos, que foi uma das maiores fazendas de café do Estado. Mais tarde, ao lado de José Maria Wtaker e Erasmo Assunção, lançou as bases de um banco, hoje o Banco Comercial do Estado de S. Paulo. Foi também o iniciador dos seguros nacionais, isto com a fundação da Companhia Paulista de Seguros, a primeira empresa nacional.

A Santa Casa, o Liceu e a comissão pro monumento ao Dr. Diogo Antônio Feijó, ele prestou efetiva contribuição.

A. M. S.



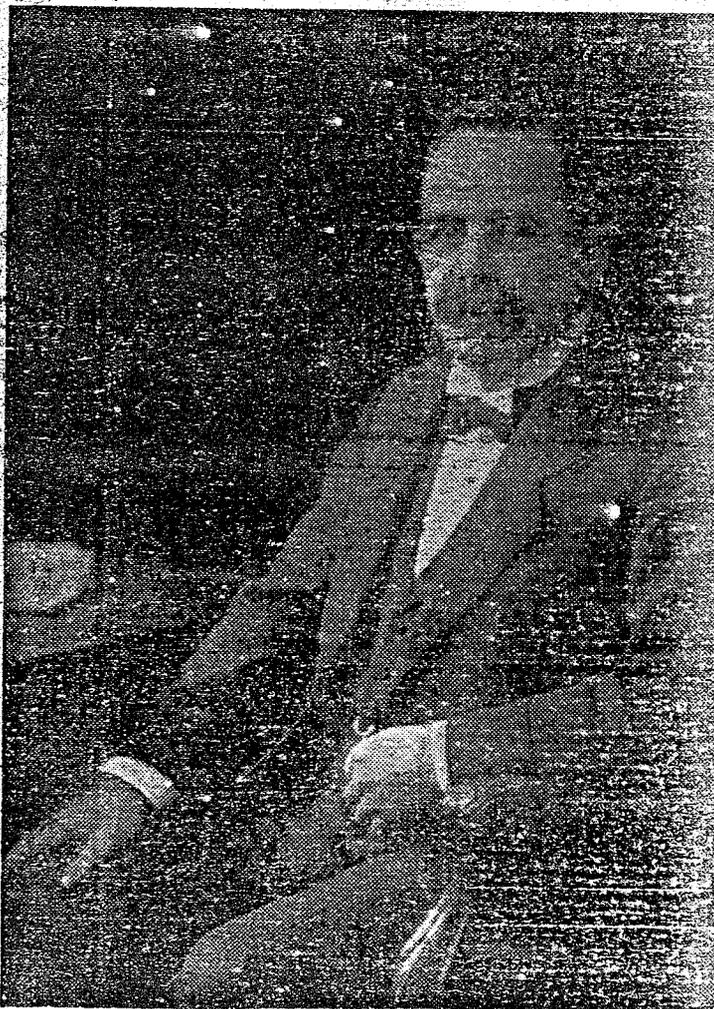


Campinas revive nesta data uma figura que é uma lenda na própria história da cidade. É esta a de José Paulino Nogueira, um nome que, vindo do passado, projeta-se no presente, pelo imperativo da própria memória: que o tempo e os textos históricos impõem à consideração de todos nós, seus posteror, reverentes ante a sua effigie imarcescível. É a evocação que esta cidade faz, hoje, a José Paulino Nogueira, ao ensejo da ocorrência do primeiro centenário de seu nascimento. Foi José Paulino Nogueira, uma das maiores figuras de Campinas do seu tempo. E ele é da época em que avultaram as mais notáveis figuras daquele ciclo da nossa transição politico-administrativa, que culminou com o advento da Republica. O seu nome inscreve-se nas páginas da história de nossa cidade, aureolado de galardões que só se tributam àqueles que realmente se distinguiram nos setores de eminencia da vida. O que a cidade rende, nesta data, a José Paulino Nogueira, é bem o tributo da gratidão, do reconhecimento de Campinas; tributo que só não é espontâneo, porque ele nos é imposto pelo próprio conceito humano, historico, político e social que o suceder dos tempos não apaga e não destrói.

O PROGRAMA COMEMORATIVO

As comemorações do centenário de José Paulino Nogueira são de cunho oficial, delas participando todos os poderes e instituições da cidade. O programa, organizado pelo Departamento de Educação e Ensino, sob os auspícios da Prefeitura e com o apoio do Legislativo, constará de Missa Solene, às 9 horas e 30 minutos, na Matriz do Carmo, celebrada pelo revmo. conego Lázaro Mutschelle; e em se-

guida romaria ao Cemitério da Saudade, realizando-se uma cerimonia defronte ao tumulo de José Paulino Nogueira. Nessa ocasião discursará o jornalista Plínio Amaral, em nome da Prefeitura. Em nome da familia, falará o sr. Otavio Pupo Nogueira. O prefeito municipal dr. Antonio Mendonça de Barros, também em nome da familia de José Paulino Nogueira, depositará uma coroa de flores sobre o tumulo do inolvidavel campineiro.



Foi político, chefe de firma comercial, amador teatral, legislador municipal; mais foi, sobretudo, um homem: José Paulino Nogueira.

Cam

13.02.1953
"CORREIO POPULAR"